



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

UMA ABORDAGEM TEXTUAL DA TRADUÇÃO

Mayelli Caldas de Castro
mayellicastro@yahoo.com.br
UFES

Resumo: Este artigo trata, principalmente, de uma concepção que aborda a tradução como produtora de significados, pois o tradutor, através do seu texto, reordena e reconstrói o mundo na medida em que faz suas escolhas para formar outra unidade de sentido (outro texto) com a substância de conteúdo do texto anterior. Neste estudo é assegurado ao texto seu caráter interativo, reforçando, assim, a teoria de que a tradução só pode ser analisada enquanto processo de produção textual, e não em unidades isoladas, como palavras soltas. Com o advento de novas abordagens, em especial o surgimento da Linguística Textual e também de análises cognitivas que buscam estudar e explicar o sentido, podemos refletir a tradução como uma atividade independente, pois é a construção de sentido, tendo em vista seu funcionamento e seu efeito em determinada comunidade, que vai determinar as escolhas feitas pelo tradutor.

Palavras-chave: Tradução. Produção textual. Sentido. Tradutor.

“Todos os textos são originais porque toda tradução é diferente. Toda tradução é, até certo ponto, uma criação e, como tal, constitui um texto único”.

(Octavio Paz)

Introdução

Dentro dos Estudos da Tradução, muitos teóricos tentam argumentar a respeito dessa atividade tão antiga e muito utilizada entre vários povos que se viram limitados pela barreira da incompreensão linguística. É inegável a grandiosa contribuição que a tradução proporcionou para toda a população mundial.

“A transculturação sempre envolve a tradução. Tanto é assim que se pode falar que estas são formas diferentes de tradução: contato, intercâmbio, negociação, tensão, acomodação, mestiçagem, hibridação, sincretismo, assimilação, aculturação e transculturação” (IANNI, 2000, p.113). São diferentes formas de tradução, nas quais podem envolver-se diferentes linguagens e diferentes modos de comunicação: fala e escrita, forma e movimento, som e cor, literal e figurado, metáfora e alegoria, realista e

impressionista, naturalista e mágica, em diversas modalidades de combinações. Ao mesmo tempo põem em causa modos de vida de trabalho, formas de ser, agir, sentir e imaginar ou estilos de pensamentos e visões de mundo.

Conforme destaca Octavio Paz (1981, p. 10), “é a tradução que introduz o ‘outro’ em sua forma mais radical e estranha: a linguagem. E quando se pensa em linguagem diferente, supõe-se imediatamente uma maneira outra de sentir, pensar e entender o mundo”. Dessa forma, é nessa concepção que refletiremos a tradução neste estudo, ou seja, como uma forma criadora e de interpretação em relação ao texto que se vai traduzir e, em especial, em relação ao “outro”.

Com visões das mais diferentes possíveis, a tradução tem sido objeto de discussão de muitos estudiosos. Muitos a adotam como um processo mecânico de transferência ou transposição de linguagem, como conversão de signos compreensíveis para incompreensíveis, como decodificação, equivalência, enfim, como substituição de um código por outro.

No entanto, pensando no que afirma Arrojo (1986, p.10), “ao tentarmos refletir sobre os mecanismos de tradução, estaremos lidando também com questões fundamentais sobre a natureza da própria linguagem, já que a tradução implica uma definição dos limites e do poder dessa capacidade tão ‘humana’ que é a produção de significados”. Nessa expectativa, é necessário rever o conceito de tradução, que, segundo essa autora, “não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra [...]” (1986, p.22).

Nessa mesma linha de pensamento, também para Haroldo de Campos, poeta brasileiro e renomado tradutor, adepto da visão benjaminiana, a tradução é um processo de fecundação da língua, uma transcrição que produz novos textos e novos significados. Esse autor expressa sua visão de tradução criativa e resgata o papel configurador da função poética, refazendo o percurso da “intencionalidade” do autor, conforme havia sugerido Walter Benjamin.

Longe de ser uma simples operação linguística, a tradução tem de dar conta da dinâmica da comunicação em suas intenções e funções diferenciadas. Se a tradução favorece o acesso a outras leituras de mundo, enriquecendo a rede de intertextualidade, de interdisciplinaridade e de interculturalidade entre os povos, ela também suscita a reflexão do estatuto do texto traduzido. Todavia, isso acarreta pensar sobre a necessidade de conciliar a fidelidade ao original com o desejo de adaptação ao contexto da nova língua. Isto é, traduzir é recontextualizar um pensamento original.

Sabemos, entretanto, que este processo não está isento de ideologias e motivações diversas que vão além das simples questões de ordem linguística, especialmente se considerarmos que a produção de significados se dá por leitura e interpretação, o que caracteriza essa atividade como um fenômeno subjetivo.

Sendo assim, veremos que, na prática, o pensamento original poderá ser “trocado” ou ficará em segundo plano, por assim dizer, se o tradutor tiver novas intenções e fizer escolhas que conduzirão o leitor alvo a uma dada interpretação. Este, por sua vez, dependerá de uma série de conhecimentos partilhados e conhecimento de mundo para poder inferir o sentido. Mas, no entanto, é sempre bom lembrar que esse sentido não está “puro”, ele sofrerá ao longo das diversas leituras muitas transformações e limitações.

1 - Criando um novo texto

Barnstone (1993, p. 21) diz que o ato de ler envolve uma tradução interpretativa da mesma maneira que a tradução formal envolve uma leitura interpretativa. Em outras

palavras, traduzir é ler e interpretar, resume Barnstone. Isso nos faz refletir que todo texto pode se expandir em uma série de novos textos, se partirmos do pressuposto de que a interpretação varia de acordo com o leitor.

Nesse sentido, todo texto quando é criado já se torna “independente” e suas possíveis interpretações vão ganhando vida à medida que esse texto esteja inserido em novos contextos históricos e sociais associados às suas funções nos seus mais diversos usos.

Jean-Michel Adam, que também propõe uma análise sobre a tradução dentro de uma perspectiva textual, afirma em sua célebre frase que “uma tradução é apenas um momento de um texto em movimento. Ela é, inclusive, a imagem de que ele nunca acaba. Ela não poderia imobilizá-lo” (2008, p.321). Isso nos remete a voltar a afirmar o que fora supracitado aqui – que o texto ganha vida independente quando se constitui como texto, isso por causa das variadas interpretações.

No que diz respeito ao papel do tradutor, ao tomarmos a tradução sob esse prisma, chegaremos à conclusão de que, diferentemente do escritor original, o tradutor é um tipo de escritor “especial” que cria seu próprio texto, mas não a partir de suas idéias próprias, mas a partir de um outro texto. Ao leitor final cabe a tarefa de interpretar novamente o texto que fora interpretado antes pelo tradutor. E assim podemos entender a afirmação de Jean-Michel Adam quando defende que a Tradução não poderia imobilizar esse texto.

2 - A teoria na prática

Se a tradução, como leitura ou interpretação, deixa de ser uma atividade que protege os significados “originais” de um autor, e assume uma condição de produtora de significados, como preconizou Arrojo (1986), todo leitor ou tradutor não poderá evitar seu contato com os textos seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social.

Segundo Arrojo, “aquilo que consideramos verdadeiro será irremediavelmente determinado por todos os fatores que constituem nossa história pessoal, social e coletiva. Nesse sentido, é a história que dá à luz a verdade, e não a verdade que serve de modelo para a história” (1986, p.38).

A partir dessa reflexão, pensemos sobre a tradução da famosa frase filosófica de Shakespeare em língua inglesa “To be or not to be”. A princípio, de imediato, iremos traduzir para o português o que já sabemos: “Ser ou não ser”. Essa tradução se torna até involuntária para aqueles que já conhecem, mesmo que o mínimo, essa frase e se remetem à obra de Shakespeare “Hamlet”, cuja história aborda a tragédia do príncipe da Dinamarca.

Essa frase é frequentemente usada com uma intenção filosófica profunda e, sem dúvida, é uma das mais famosas frases da literatura mundial. Por isso, fica difícil pensar em um leitor que não a conheça ou que não a tenha ao menos ouvido. No entanto, mesmo se partirmos do princípio de que haja leitores de língua portuguesa que não conheçam Shakespeare e que nunca haviam ouvido tal frase, acredita-se que se pedíssemos uma tradução imediata a esses leitores sabendo que eles dominam o básico da língua inglesa, tal frase seria facilmente traduzida como “Ser ou não ser”.

Até agora, o exemplo ainda não esteve inserido em condições contextuais específicas. Então, imaginemos uma peça de teatro que estivesse parafraseando ironicamente Shakespeare. Provavelmente, a frase se encaixaria em alguma abordagem de conflitos existenciais ou algo do gênero. A tradução continuaria a mesma.

Mudemos o cenário e imaginemos uma sala de aula composta por alunos brasileiros de Ensino Médio que, ao se depararem com o material didático escolhido pelo professor de língua inglesa, vissem essa questão:



(FERRARI e RUBIN, Inglês: volume único: ensino médio, 2000, p.12)

Esse contexto aconteceu de fato em uma escola pública federal de Ensino Médio e os estudantes referidos são alunos do 2º ano. Eles trabalharam com essa charge e discutiram sobre a tradução proposta e a intenção dessa tradução.

Pode-se afirmar, com certeza, que a maioria desses alunos, a princípio, pensou na obra de Shakespeare, já que os mesmos tinham esse conhecimento prévio. No entanto, algo os incomodava, era o fato de a tradução na charge se referir ao verbo “estar” também, o que não ocorre na obra original. Ou seja, essa foi uma criação do tradutor, que teve uma intencionalidade fortemente marcada por um objetivo didático, isso é o que nos ocorre.

Os alunos foram questionados se entendiam o porquê dessa tradução com o verbo “estar” e com a mistura dos dois: “ser” e “estar”. A primeira resposta foi a de que o verbo To Be possui essas duas traduções imediatas, dois usos. Mas eles foram novamente questionados se havia alguma intenção nessa tradução proposital já que na obra de Shakespeare a frase original não contempla essa possibilidade. A segunda resposta foi que o tradutor queria enfatizar as duas possibilidades de uso do verbo To Be e também porque o menino da charge representava um estudante que se confundia constantemente com esses dois usos.

Numa terceira pergunta, abordou-se se havia necessidade de se enfatizar essas duas possibilidades de tradução, uma vez que lhes fora ensinado. Os alunos reconheceram que essa necessidade era pertinente, pois a maioria deles só se lembrava da primeira tradução do verbo To Be (Ser).

Após essa reflexão sobre a charge passou-se à discussão sobre tradução nessa sala de aula de língua inglesa, ou seja, sobre essa construção de sentidos novos baseada em um determinado uso contextual da língua. Todos entenderam e concordaram que o

olhar do leitor é determinante para a produção de sentido no texto, pois se a mesma charge fosse apresentada em uma comunidade de falantes de inglês que estudassem o português como segunda língua, talvez a perspectiva não seria a mesma porque tais estudantes já estariam acostumados com os dois usos do verbo To Be e não precisariam dessa reflexão.

Não se trata aqui de uma abordagem pedagógica da Tradução e nem se pretende discutir se essa é uma boa técnica de ensino de língua estrangeira, mas a intenção nessa abordagem é refletir sobre como essa questão foi aceita pelos alunos de língua inglesa e como eles a conceberam e a interpretaram.

Na verdade, quando um leitor “infere significados” de um texto, sua interpretação não pode ser exclusivamente sua, da mesma forma que o escritor não pode ser o autor soberano do texto que escreve. Assim, “cada tradução proporciona uma leitura, uma interpretação, uma possibilidade fundada na disposição apresentada em cada linha com aquelas que o leitor decifrador traz para desvendar a palavra” (FILGUEIRAS, 2005, p.61).

Obviamente que a intenção de Shakespeare, ao que sabemos, era mostrar o conflito existencial que se encontrava seu personagem em uma determinada época. Mas, ao parafrasearmos Shakespeare (e o fazemos o tempo todo) utilizando essa frase, tendemos a fazê-lo ora em um tom irônico, ora para inferir que também estamos em uma situação de difícil escolha e não sabemos em que rumo tomar. Essas são as interpretações mais óbvias que nos remetemos quando pensamos rapidamente nessa frase.

Contudo, não podemos dizer com total firmeza a intenção dos autores dos textos originais pois essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido.

Para ilustrar melhor essa concepção, a afirmação de Arrojo é ideal:

“O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. Isso não significa, absolutamente, que devemos ignorar ou desconsiderar o que sabemos a respeito de um autor e de seu universo quando lemos ou traduzimos um texto. Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e de suas intenções”. (1986, p.41)

Entretanto, no que diz respeito a Shakespeare muito já se tem comentado e discutido sobre essa obra e, principalmente, sobre tal frase, o que nos leva a saber seu cunho filosófico existencialista. Mesmo assim, ainda contamos com nossa habilidade interpretativa quando lemos a obra e/ou sua tradução.

Por outro lado, ao entendermos o contexto social e a função do texto usado aqui como exemplo vimos que a intenção primordial parece ser didática. Mas também há a questão da intertextualidade que levanta a intenção de dúvida. Dúvida esta que também se estabelece na escolha de “ser” ou “estar” para a tradução do verbo To be. Dúvida que remete ao constante esquecimento dos alunos do segundo uso do To be. Para sabermos isso, temos que estar envolvidos com esse ambiente ensino/aprendizagem de língua estrangeira, sabermos a abordagem histórica desse ensino no Brasil, os resultados e abordagens obtidos ao longo dos anos em que se ensina inglês para escolas públicas e uma série de outros conhecimentos partilhados. Provavelmente, o tradutor e criador da

charge pensou em todo esse contexto situacional histórico socialmente marcado antes de traduzir e criar esse novo texto.

3 - Considerações Finais

Em suma, concluímos que toda tradução é fiel às concepções textuais e teóricas da comunidade interpretativa a que pertence o tradutor e também aos objetivos que se propõe. Assim também em relação às convenções contextuais que regem a tradução e que são estabelecidas a partir do momento em que se especificam os objetivos e circunstâncias desse texto.

A tradução não é uma atividade puramente mecânica, que pode ser exercida por qualquer pessoa que fale bem uma língua estrangeira. Traduzir não é permanecer no enunciado, mas sim elaborar um discurso de significados novos, produzindo um outro texto.

Parece claro que, apesar das limitações inerentes a qualquer tradução – e para além desses limites – ela favorece uma maior aproximação entre os povos e que, por conseguinte, toda vez que lidamos com a cultura do outro, somos levados a refletir sobre nós mesmos com relação a esse outro com quem dialogamos.

O que inevitavelmente acontece, a todo momento e em toda tradução é, como sugere o filósofo francês Jacques Derrida, “uma transformação: de uma língua em outra, de um texto em outro” (1985, p.87). Em seu trabalho de “desconstrução”, desconstruir não significa destruir, mas sim propor uma nova maneira de ler e interpretar, garantindo a pluralidade das múltiplas “verdades” em detrimento de um centro polarizador de uma “verdade” única.

A verdade é que a circulação de textos através da história se deu pelas suas traduções, que, boas ou más, constituem parte integrante do acervo comum de textos, independentemente do recorte nacional que habitualmente se faz e que desconsidera as obras estrangeiras como peça integrante do sistema literário de uma cultura. E é através desse acervo comum de textos que podemos chegar ao exemplo abordado nesse estudo bem como fazer possíveis inferências, e isso graças à Tradução.

4 - Referências

- ADAM, Jean-Michel. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Revisão técnica, Luis Passegi, João Gomes da Silva Neto. Vários tradutores. São Paulo: Cortez, 2008.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução**: A teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.
- BARNSTONE, Willis. **The poetics of Translation**. New Haven: Yale University Press, 1993.
- BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR., Geraldo. **Tradução**. São Paulo: Editora Vozes, 2007.
- CAMPOS, Haroldo. Da Tradução como criação e como crítica. In: **Metalinguagem**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 31-35.
- DERRIDA, Jacques. **Torre de Babel**. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002 [1985].
- FERRARI, Mariza Tiemann e RUBIN, Sarah Giersztel. **Inglês**: volume único: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2000. Coleção Novos Tempos.

FILGUEIRAS, Lillian Virginia de Paula. **Uma Pedagogia da Tradução**. Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores. N. 14. São Paulo: UNIBERO, 2005, p. 57-65.

IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.113.

PAZ, Octavio. **Traducción**: literature y literalidad. Barcelona: Jusquets, 1981.

SHAKESPEARE, Willian. **A Trágica história de Hamlet Príncipe da Dinamarca**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook. Fonte Digital WWW.jahr.org. disponível em [HTTP://www.ebooksbrasil.org/eLibris/hamlet.html](http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/hamlet.html).